

*Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial: recursos para a renovação do ensino de História e Geografia do Brasil**

Nestor Goulart Reis Filho

Palavras-chave: história do Brasil; urbanismo; cartografia histórica; Brasil Colônia.

Ilustração: Duché de Farney (detalhe de Florianópolis – Nossa Senhora do Desterro – 1785 – “Vista da Ilha de Santa Catarina”).



* Artigo baseado em palestra realizada no Centro de Informações e Biblioteca em Educação (Cibec) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 16 de agosto de 2001, no âmbito do Programa Conheça a Educação.

As plantas e vistas dos centros urbanos reunidas no livro *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial* são, ao mesmo tempo, obras-de-arte e documentos preciosos para o conhecimento da História e da Geografia do País. O artigo mostra a importância desses desenhos, como instrumentos de trabalho para os professores dessas e de outras matérias. A publicação do livro foi acompanhada da edição de um CD-ROM e de uma coleção de *posters*, destinados a apoiar o trabalho de pesquisadores e professores.

Introdução

A documentação preciosa recolhida no projeto¹ *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial* mostra: 1) que havia projetos urbanísticos no Brasil desde os primeiros tempos da colonização; 2) que os padrões desses projetos variaram no tempo, e que, portanto, é importante que façamos uma história desse urbanismo, para conhecer suas diversas modalidades e compreender melhor o presente 3) que existiam quadros profissionais para a realização dos projetos urbanísticos e desses desenhos, os chamados engenheiros militares; 4) que esses profissionais tinham um bom nível de formação. E nos fazem lembrar da importância das chamadas Aulas de Arquitetura Militar, que existiram no Brasil desde 1696,

formando profissionais com essas qualificações. Os originais desses documentos estão guardados em dezenas de arquivos e bibliotecas de várias regiões do Brasil e da Europa, em países como Portugal, França, Holanda. Um deles foi encontrado na Biblioteca Pública de Nova Iorque. Com nosso trabalho, estamos, pela primeira vez, oferecendo ao leitor a possibilidade de observar simultaneamente todo esse conjunto de desenhos, reunindo os resultados de quarenta anos de pesquisa. O leitor comum, mesmo que encantado pela beleza das imagens, pergunta qual a finalidade de todo esse trabalho; quer saber qual a finalidade dessa pesquisa, qual o conhecimento que esses desenhos nos trazem.

A história da urbanização e do urbanismo no Brasil

Esse material foi reunido para fundamentar pesquisas sobre a história da urbanização e do urbanismo no Brasil. O assunto era pouco estudado, no final dos anos 50 e início dos anos 60, quando a pesquisa foi iniciada. Havia a convicção generalizada, entre os historiadores e entre os arquitetos, de que não existiam projetos urbanísticos no Brasil. Acreditava-se, de maneira geral, que não havia existido uma política da administração portuguesa no Brasil, para orientação da formação do sistema urbano colonial.

Esses desenhos mostram claramente o contrário. Mas, para compreendê-los bem, é necessário acompanhar as várias etapas desse processo. Em trabalhos anteriores fizemos, como continuamos a fazer, um estudo detalhado desse desenvolvimento. Aqui, podemos apenas fazer observações gerais, a partir dos desenhos, que são, para nossas pesquisas, como as formigas, abelhas e ratos dos biólogos: são uma parte importante do material empírico, que fundamenta nossos estudos teóricos. Os estudos sobre a história da urbanização e do urbanismo devem tomar como fundamento os remanescentes e os vestígios das formas originais dos antigos núcleos e de suas transformações no tempo. Mas os vestígios são poucos e as transformações, em várias épocas, alteram significativamente a precisão das informações originais.

No caso dos desenhos, a segurança das informações tende a ser maior. Nos

¹ O projeto foi desenvolvido sob a responsabilidade de Nestor Goulart Reis Filho, do qual resultaram um livro, um álbum de estampas e um CD-ROM (ver "Referências bibliográficas" ao final deste artigo).

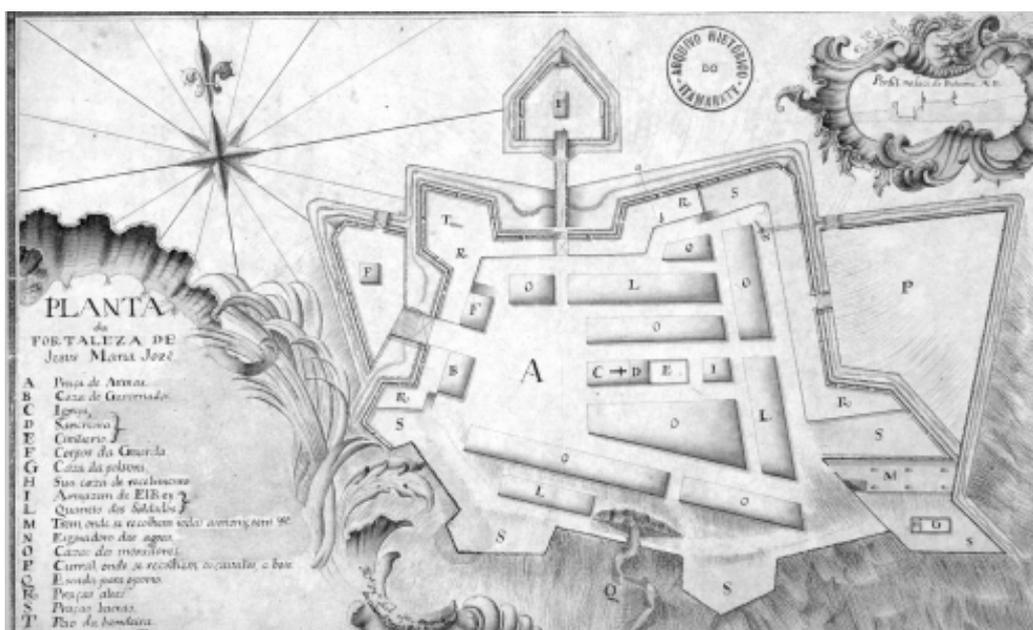


Ilustração: Manoel Vieira Leão (Planta da Fortaleza de Jesus-Maria-José-1754).

casos em que conhecemos os autores e as datas ou, pelo menos a época da sua execução, temos elementos para conhecer as formas gerais da cidade, a aparência de suas edificações e sua distribuição no espaço. Poderia sempre haver margem de engano, pois o desenho é uma representação da realidade, é uma interpretação. Mas a comparação com um conjunto maior de informações permite limitar a margem de erro. Os traçados podem ser comparados com outros desenhos da mesma época e suas dimensões podem ser corrigidas, em comparação com a situação presente ou do passado recente, que facilita a compreensão das escalas e dimensões originais e o reconhecimento das características dos traçados urbanísticos. As vistas, sobretudo no caso das perspectivas, são mais úteis para o reconhecimento da aparência das vilas e cidades e de suas relações com a paisagem.

No que se refere à aparência, alguns desses desenhos, como a imagem que mostra a área do Morgado de Santa Bárbara,² na Cidade Baixa, em Salvador, o "Prospecto visto pela frente de hua porção da Cidade da Bahia..."³ e a imagem que mostra uma área do Recife,⁴ nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora da Penha dos Capuchinhos, permitem compreender melhor os aspectos gerais das ruas e casas mais simples, nos principais centros urbanos do século 18, em contraste com as formas de refinamento, introduzidas

sobretudo no início do século 19, como ornatos ao redor das janelas e portas, em grande parte realizados após a Independência. E todas essas imagens revelam, de modo muito concreto, a importância da vida urbana do Brasil Colonial, sobretudo no século 18 e início do 19.

A fundação das primeiras vilas e cidades (1532-1580)

As imagens mostram as características dos primeiros núcleos urbanos implantados no Brasil. Os projetos urbanísticos existiram a partir da fundação de Salvador em 1549, nos tempos do primeiro Governador Geral, Tomé de Sousa. Essas imagens teriam sido baseadas em um levantamento realizado por volta de 1604 ou 1605, para a elaboração de um novo plano de fortificação da cidade da Bahia.⁵ No desenho são assinaladas as características do bairro mais antigo, fundado por Tomé de Sousa, com um núcleo de planta em xadrez e um grupo de quadras alongadas, mais ao fundo, inclinadas em relação às primeiras, para se acomodar a um desnível do terreno. A outra parte do desenho, mais à esquerda, mostra o bairro construído nas últimas décadas do século 16, no qual se mantiveram, em princípio, os esquemas de traçado em xadrez. A cidade foi construída em terreno elevado, a cerca de 70 metros de altura sobre

² Original manuscrito sem título, de autor desconhecido, 1764-1785. Arquivo do Estado da Bahia (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 42, fig. 24).

³ Original manuscrito de Manuel Rodrigues Teixeira, 1786. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 49, fig. 30).

⁴ Original manuscrito sem título, de autor desconhecido, século 18. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 103, fig. 99).

⁵ Existem duas versões do original manuscrito de João Teixeira Albernaz I: a "Pranta da cidade D. Salvador/na Bahia de Todos os Santos", cerca de 1605 (1616). In: Moreno, Diogo de Campos. *Rezação do Estado do Brasil no governo do norte somete asi como teve Dô Diogo de Menezes até o anno de 1612*. 1616. Biblioteca Pública Municipal do Porto; a "Pranta da cidade do Salvador/na Bahia de Todos os Santos", cerca de 1605 (1616). In: Moreno, Diogo de Campos. *Livro que dá rezação do Estado do Brasil*. 1626. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 17-18, fig. 1 e 2).

a praia, que era então uma estreita nesga de terreno, muito diferente da atual Cidade Baixa, toda ela fruto de aterros posteriores. Outros desenhos (cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 19-24, fig. 3, 5 e 6) mostram a cidade no alto e umas poucas construções junto à praia. E as suas portas, pois Salvador dispunha de muros e portas, como as cidades medievais.

Mas, nesse tempo, era ainda um centro urbano modesto, com população muito limitada, como podemos ver nos detalhes da imagem "Perfil da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos q mostra altvra do mar a ella",⁶ com suas igrejas sem torres, como a do Carmo (à esquerda), a de Conceição da praia, na Cidade Baixa e a Catedral (ao centro), com uma única torre. E vemos uma simplicidade comparável, nos perfis das casas, na Cidade Alta, e nos armazéns na Cidade Baixa. Mas os desenhos mostram também, desde cedo, a presença de monta-cargas, para o transporte de mercadorias para a vida urbana, que se desenvolvia quase toda nos sítios mais elevados.

Esse esquema de construção das vilas e cidades no alto de colinas, prática comum na época, é documentado em desenhos posteriores, mostrando a aparência das vilas e cidades mais antigas, como Olinda,⁷ Igarapu,⁸ fundada em 1536 por Duarte Coelho Pereira, donatário da Capitania de Pernambuco, Itamaracá,⁹ Vitória,¹⁰ fundada em 1551, o Rio de Janeiro,¹¹ que vemos sobre o Morro do Castelo, com a sua aparência em 1579, apenas doze anos depois de fundado, e São Paulo,¹² fundada em 1554 pelos jesuítas. O Colégio dos Jesuítas é mostrado também sobre uma colina, a cerca de 30 metros de altura, sobre o Tamanduateí, que lhe corria aos pés.

Os núcleos urbanos eram fundados em geral em terrenos elevados, como as cidades medievais, mas as obras tinham algum apoio técnico, a partir da instalação do Governo Geral. O principal objetivo do urbanismo, nessa fase, era a organização do sistema defensivo. Salvador teve a assistência de um mestre de fortificações, Luiz Dias. Alguns membros de sua equipe podem ter acompanhado o governador Tomé de Sousa, na visita que fez às capitanias ao sul da Bahia em 1553, quando foram feitas algumas melhorias na parte de traçado e construídos muros, baluartes e portas, em todas as povoações importantes, com exceção de Santos e São Vicente.

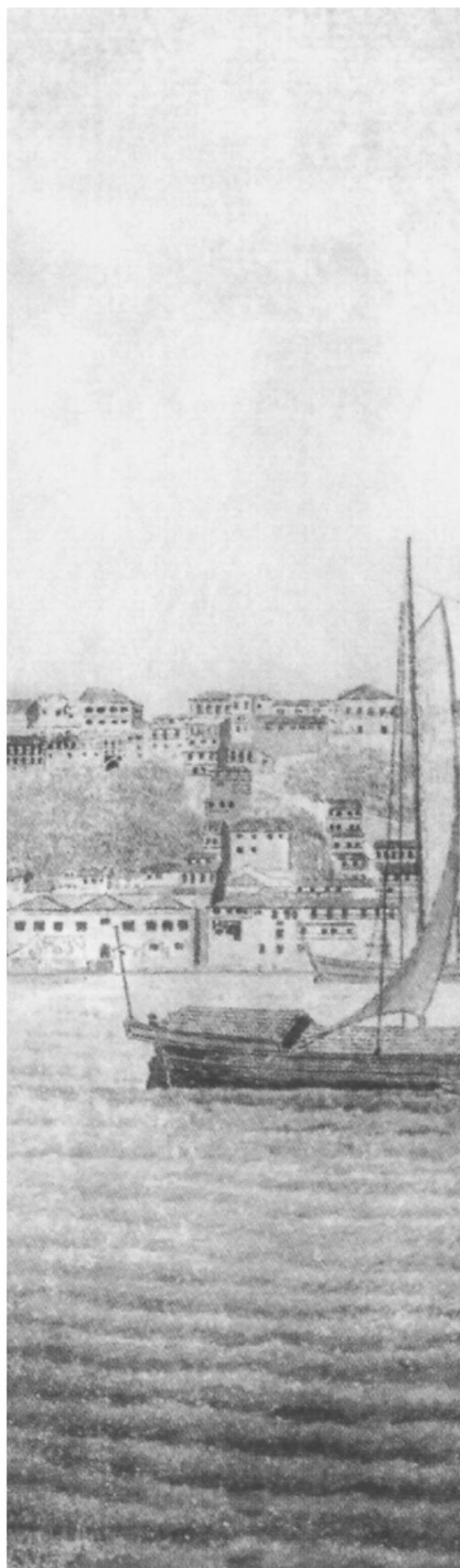


Ilustração: Albert Dufourcq (detalhe da Baía de Todos os Santos, antiga capital do Brasil-1782).

⁶ Original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1609-1612. Algemeen Rijksarchief, Haia (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 20, fig. 5).

⁷ "Marin d'Olinda de Pernambuco/ Trecif de Pernambuco", de autor desconhecido, cerca de 1630. In: Laet, Johannes de. *Histoire ofte laerlijk Verhael Van de Verrichtingen der Geocoyeerde West-Indisch Compagnie, zedert haer Begin/tot het eynde vant jaer seshien-hondert sesem-dertish...* Tot Leyden: Bonaventure Ende -Abreham Elseiver, 1644. Koninklijke Bibliotheek, Haia (Ibidem, p. 78, fig. 65).

⁸ "Igarassu", de autor desconhecido, cerca de 1729. Museu de Igarapu (Ibidem, p. 105, fig. 103).

⁹ "Itamaracá", de autor desconhecido, cerca de 1729. Museu de Igarapu (Ibidem, p. 109, fig. 110).

¹⁰ "Prospeto da Vila de Vitoria capital da Capitania do Espirito Santo, e distante da foz do rio do mesmo nome, huma legoa: na latitude de 20g. e 15m. ao sul, e 334g e 45m. de longitude", original manuscrito de José Antônio Caldas, 1767. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 148, fig. 153).

¹¹ "Le Vrai Pourtrait de Geneure et du Cap de frie par Jqz de Vau de Claye", original manuscrito de Jacques de Van de Claye, cerca de 1579. Bibliothèque Nationale, Paris (Ibidem, p. 154, fig. 161).

¹² Imagem sem título [Vista da cidade de São Paulo - parte norte], de Arnaud Julien Pallière, 1821. Coleção de Beatriz e Mário Pimenta Camargo (Ibidem, p. 190, fig. 199).

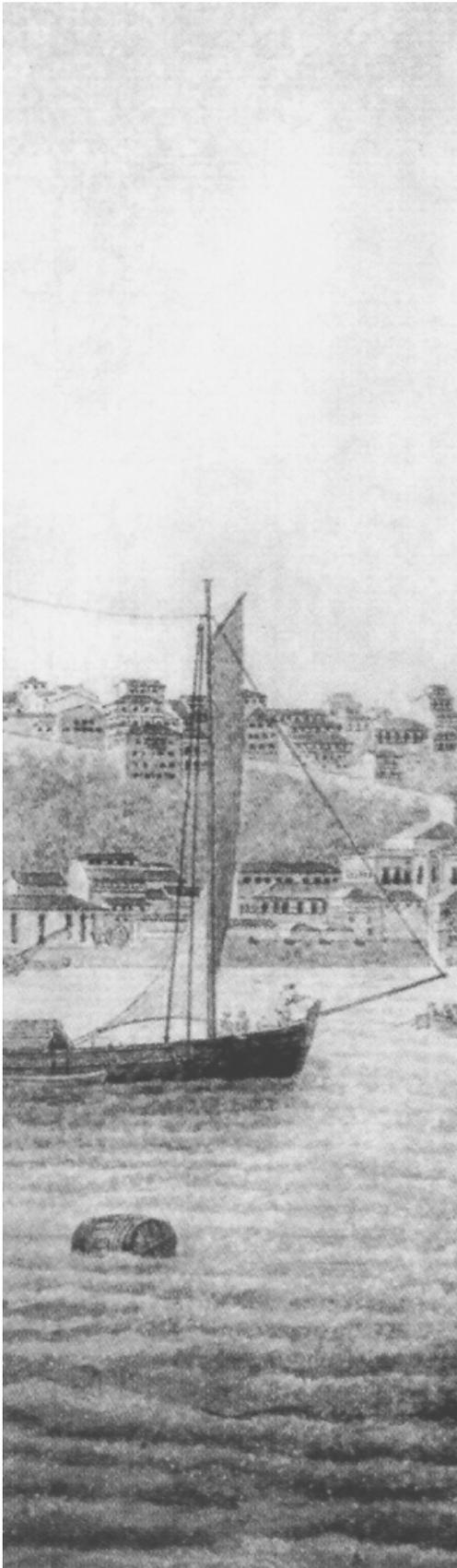


Ilustração: Albert Dufourcq (detalhe da Baía de Todos os Santos, antiga capital do Brasil-1782).

Dessa época foi a fundação de Santo André da Borda do Campo, que possuía muros, baluartes e portas como as demais vilas. O mesmo esquema foi adotado em São Paulo, a partir de 1560, quando foi extinta a vila de Santo André e transferido o seu pelourinho para a de São Paulo. As atas da Câmara de São Paulo mencionavam frequentemente os muros, os baluartes e as portas da cidade. Porém esse urbanismo se concentrava nessas partes de fortificação externa, como mostram as imagens da cidade do Rio de Janeiro elaboradas em 1579 e 1602 (aproximadamente).¹³

Mas não eram só os portugueses que estavam interessados em registrar as obras urbanísticas e de fortificação. Seus concorrentes faziam trabalho de espionagem e seus desenhos registram também, com destaque, o sistema de fortificações. Um piloto holandês, chamado Dierick Ruiters, que esteve preso no Rio de Janeiro em 1617 e depois em Recife e Salvador, 1618, desenhou cada um desses centros urbanos, com destaque para suas fortificações. Mais tarde, participou das invasões holandesas à Bahia (1624) e Pernambuco (1630), e fez uso eficiente das informações que havia registrado.

O período de união das Coroas de Portugal e Espanha (1580-1640)

Quando as Coroas de Portugal e Espanha foram unificadas, passaram a ser aplicadas ao Brasil as normas urbanísticas de Felipe II, que haviam sido estabelecidas pouco antes.

A cidade de Felipéia de Nossa Senhora das Neves da Paraíba foi fundada em 1585, como primeiro passo para o controle militar dos territórios entre a Capitania de Pernambuco e a foz do Amazonas, que pelo Tratado de Tordesilhas se situava dentro dos domínios portugueses. Felipéia foi fundada com planta em xadrez, utilizando, já então, os padrões de regularidade recomendados pelas Ordenações Filipinas;¹⁴ o sítio escolhido era ainda elevado, como se vê na gravura de Frans Post.¹⁵

As diretrizes urbanísticas implantadas durante a dominação filipina eram uma forma de simplificação, na maioria dos casos, sem contudo se perder a preocupação de uma formalização de traçado, que representava um esforço de estabelecimento de uma disciplina para a população colonial.

¹³ "Le Vrai Pourtrait de Geneure et du Cap de frie par Jqz de Vau de Claye", original manuscrito de Jacques de Van de Claye, cerca de 1579; "Rio de Janeiro", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1602. Bibliothèque Nationale, Paris (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 154 e 156, fig. 161 e 163).

¹⁴ Cf. as imagens "Frederick Stadt", de autor desconhecido, 1634. Ministério do Exterior, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro; "Parayba", de Claes Jansz Visscher, cerca de 1634. Ministério do Exterior, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro; "Frederica Civitas", de Jan van Brosterhuisen, cerca de 1637-1645. In: Barlaeus, Caspar. *Casparis Barlaei rerum per octennivmin brasilica et alibi nuper gestarum, sub praefectura illustrissimi Comitiss I. Mavritii, Nassoviae, &c. Comitiss, Nunc Vesaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. sub avriaco ductoris, historia*. Amstelodami: Ex Typographeio Ioannis Blaev, 1647. estampa 26. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; "Frederyce Stadt", original manuscrito de Johannes Vingboons, cerca de 1640 (1660). Algemeen Rijksarchief, Haia (Ibidem, p. 116-119, fig. 121, 122, 124 e 125).

¹⁵ "Parayba", cerca de 1637-1645 (1647). In: Barlaeus, op. cit., estampa 27. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 118, fig. 123).

A cidade de São Luís do Maranhão, fundada em 1615, apresentava também um traçado em xadrez, com destaque especial para a fortaleza, que protegia o acesso ao seu porto.¹⁶ Como a cidade de Paraíba, São Luís foi fundada sobre um terreno elevado, como nos é mostrada em magnífica gravura atribuída a Frans Post.¹⁷

Em 1616 foi fundada a cidade de Belém, junto à foz do Amazonas, que é mostrada na imagem¹⁸ que se julga ser de 1640, isto é, que mostra Belém apenas 24 anos após a sua fundação, quando era constituída por umas poucas ruas e quadras. No primeiro plano, vemos a Rua do Norte, a primeira a ser aberta, no momento de fundação da cidade. A importância dessa imagem fica mais clara, quando se sabe que esse desenho, até aqui inédito, é o único dessa época e quando é comparado com a planta seguinte, do conjunto da cidade que se conhece, de 1753.¹⁹ Nesta última, vê-se que o desenho anterior apresenta apenas o bairro mais antigo, à direita da figura.

Importância da documentação das guerras com os holandeses

A união com a coroa de Espanha trouxe para Portugal uma situação de conflito com os holandeses, que estavam em guerra contra Carlos V e Felipe II. Os holandeses realizaram um trabalho insistente de espionagem, registrando todas as informações possíveis sobre as instalações no litoral do Brasil. Em 1624 atacaram e ocuparam a cidade de Salvador, por um ano. Desse período há um conjunto excelente de desenhos portugueses e holandeses, que mostram as operações militares de ambos os lados, e, como decorrência, registram cuidadosamente as características da cidade e suas edificações. É o caso das imagens de 1624,²⁰ que mostram o ataque holandês com todos os detalhes, e do desenho²¹ que ilustra o livro *Iornada dos vassallos da coroa de Portugal* de Bartolomeu Guerreiro, de 1625, que mostra a reconquista da cidade por espanhóis e portugueses. E a "Planta da Restituição da Bahia",²² que mostra os mesmos acontecimentos, incluída no atlas manuscrito *Estado do Brasil coligido das mais sertas noticias q pode aivntar dō Ieronimo, de Ataíde*, de João

Teixeira Albernaz, com data de 1631. Um desenho semelhante,²³ cuja autoria e data não conseguimos estabelecer com exatidão, mostra Salvador na mesma época, com algumas outras características. Essas imagens mostram sobretudo as portas da cidade, seus muros, as fortificações ao seu redor, mas revelam também algumas características do urbanismo da cidade e da arquitetura. Essa documentação é complementada por dois desenhos portugueses, tomados pelos holandeses, hoje pertencentes ao arquivo geral de Haia. O primeiro deles, "Perfil da çidade do Salvador da Bahia de Todos os Sâtos q. mostra altvra do mar a ella", já foi mencionado e o segundo, "Desenho das fortificações e trincheiras q se fizeraõ em deffença do inimigo",²⁴ de 1638, que mostra alguns edifícios em vista aérea, com destaque para o mosteiro de São Bento, as construções na Cidade Baixa, os fortes e as duas portas da cidade.

Em 1630 os holandeses voltaram, atacando e ocupando Recife e Olinda e terminaram por dominar todo o Nordeste e a costa norte, entre Sergipe e Maranhão. Para dar apoio aos seus objetivos militares e administrativos, desenvolveram um amplo trabalho de registro cartográfico de toda a região e levantamento das povoações. Esses trabalhos constituem uma parte importante da documentação por nós recolhida.



Ilustração: Albert Dufourcq (detalhe da Baía de Todos os Santos, antiga capital do Brasil-1782).

¹⁶Cf. "Verbs S. Lodovici in Maragnon", de autor desconhecido, cerca de 1641-1644 (1647). In: Barlaeus, op. cit. estampa 52. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; "Maragnon in Zuid America van western van Brasil", original manuscrito que integra o atlas de Johannes Vingboons, cerca de 1640 (1660). Algemeen Rijksarchief, Haia (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 142, fig. 146 e 147).

¹⁷"Maragnon", cerca de 1641-1644 (1647). In: Barlaeus, op. cit., estampa 51. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 141, fig. 145).

¹⁸"de stat ende fort van grand para", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1640. Algemeen Rijksarchief, Haia (Ibidem, p. 266, fig. 293).

¹⁹"Prospecto de Villa Boa tomada da parte do sul para o norte no anno de 1751", original manuscrito de autor desconhecido, 1751. Casa da Insua, Castendo, Portugal (Ibidem, p. 235, fig. 256).

²⁰"S. Salvador/Baya de todos los Santos", de autor desconhecido, cerca de 1624. In: Reysboeck van het rijcke Brasilien. 1624. Koninklijke Bibliotheek, Haia; "S. Salvador/Baya de todos os Sanctos", original manuscrito de Claes Jansz Visscher e Hessel Gerritsz, cerca de 1624. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 19 e 23, fig. 3 e 6).

²¹"Philippo Avgvsto Lvsitano monarchae africo aethiopicico arabico persico indico brasílico felicitas et gloria", de Benedictus Mealius, cerca de 1625. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 26, fig. 11).

²²De João Teixeira Albernaz I, cerca de 1625 (1631). Ministério das Relações Exteriores, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 27, fig. 12).

²³"Urbs Salvador", de autor desconhecido, cerca de 1625. In: Montanus, Arnoldus. Die Nieuwe em Onbenkende Weereld or Beschryving van America em't Zuid-Land...1671. Ministério das Relações Exteriores, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro.

²⁴Original manuscrito de autor desconhecido. Algemeen Rijksarchief, Haia (Ibidem, p. 32, fig. 17).

Nos arquivos holandeses existem ainda hoje numerosos desenhos que documentam as características das povoações ocupadas por eles em todo o Nordeste, inclusive alguns desenhos dessa época, tomados dos portugueses (cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 77-78, fig. 63 e 64). Nessa série incluem-se alguns desenhos já conhecidos, como o de Recife, em 1630,²⁵ a vista de Recife que ilustra o livro de Barlaeus,²⁶ os trabalhos mais ou menos esquemáticos, que mostram Igarauçu e Itamaracá²⁷ e o cabo de Santo Agostinho.²⁸

Os holandeses incendiaram os principais edifícios de Olinda em 1631 e realizaram os seus investimentos urbanísticos no Recife, deixando sobre isso documentação circunstanciada.²⁹ Os planos para o Recife foram apenas em pequena parte executados, mas constituem um exemplo da qualidade técnica das obras urbanísticas que os holandeses pretendiam desenvolver.³⁰

A escolha dos holandeses recaiu sobre uma povoação instalada num sítio plano, mais adequado para um núcleo portuário, voltado para o comércio. Essa diferença pode ser percebida em detalhes num quadro existente no Museu de Arte Sacra de Igarauçu, no qual são mostradas vistas de Olinda e Recife no início do século 18.³¹

O desenvolvimento do comércio no início do século 17 já estava produzindo transformações semelhantes em outros núcleos urbanos brasileiros, como o Rio de Janeiro, cuja área urbanizada se expandiu junto à praia, enfraquecendo o seu núcleo inicial, instalado no Morro do Castelo. As novas instalações já apresentavam um traçado com características que respondiam, em parte, às diretrizes das Ordenações Filipinas (cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 157, 159-160, fig. 165, 167 e 168).

O urbanismo da Restauração portuguesa

As primeiras vilas, fundadas em terrenos mais acidentados, tendiam a apresentar traçados de grande irregularidade. Esses exemplos levaram muitos autores a acreditar que não houvesse projetos urbanísticos e disciplina de traçado, durante todo o período colonial. Mas os desenhos deixados pelos engenheiros militares mostram que em muitos casos havia essa disciplina e que, já no final do século 17, esses procedimentos se tornaram muito comuns.

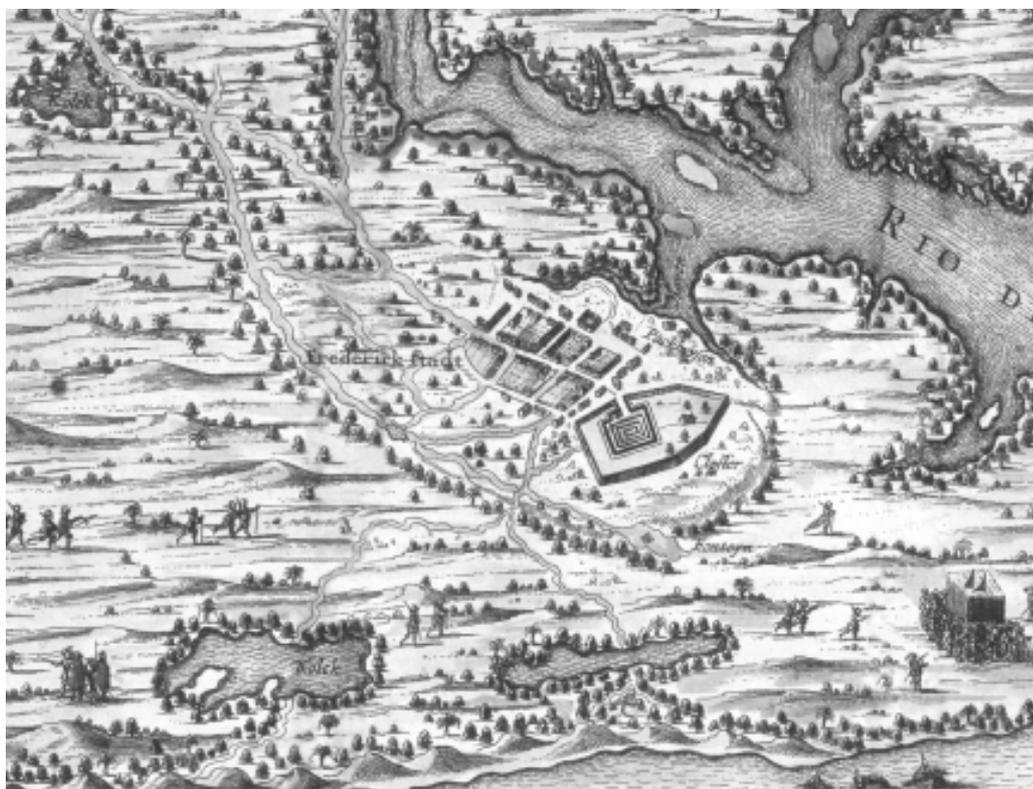


Ilustração: João Pessoa-Paraíba-1634 (detalhe da imagem "AFBEELDINGHE van PARIBA ende FORTEN").

²⁵ Vide nota 6 deste trabalho.

²⁶ "Mauritiopolis", de Frans Post, cerca de 1637-1645 (1647). In: Barlaeus, op. cit., estampa 35. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 92, fig. 85).

²⁷ Original manuscrito sem título [Igarauçu e Itamaracá], de autor desconhecido, cerca de 1630; "Stadt Nostre Signora de Conception", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1630; "Eyland Itamarica", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1633. Algemeen Rijksarchief, Haia (Ibidem, p. 105-106 e 108, fig. 104, 105 e 111).

²⁸ "Afbeelding vande Cabo s.t Augustin Met haer forten", de autor desconhecido, 1634. In: Commelyn, Izac. Wilhelm em Mauritis van Nassau, Princen van Orangien Haer Leven em Bedryf, oft Begin em Voortgang der Nederlandche Oologen. 1651. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro; original manuscrito sem título [Cabo de Santo Agostinho], de autor desconhecido, 1634. Algemeen Rijksarchief, Haia; "Cartien vande Cabo st. Augustin em t'Eylant nu genaemt Walcheren", original manuscrito de autor desconhecido, 1634. Atadsarchief Gemeente Deventer (Ibidem, p. 110, 112-113, fig. 114, 116 e 117).

²⁹ "Insula Antonij Vaazij", de Cornelis Bastiaensz Golijath, cerca de 1637 (1647). In: Barlaeus, op. cit., estampa 33. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 87, fig. 76).

³⁰ "Caerte vande haven van Pharnambocqve... anno 1639", original manuscrito de Johannes Vingboons, 1639 (1660). Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife; "Caerte vande haven van Pharnambocqve met de Stadt Mouritius em Dorp Recife ende Bijleggende forten met alle gelegenthr den van dien", desenho de Johannes Vingboons do original de Cornelis Golyath, 1644. Algemeen Rijksarchief, Haia (Ibidem, p. 86-87, fig. 75 e 77).

³¹ Quadro a óleo de autor desconhecido, cerca de 1729 (Ibidem, p. 97 e 95, fig. 86 e 87).

De fato, nas décadas que sucedem à Restauração da Coroa de Portugal, ou seja, ao fim do domínio espanhol, tornou-se comum o uso de traçados com maior regularidade geométrica em muitos dos núcleos que estavam sendo fundados e em áreas novas abertas para a expansão das vilas e cidades já existentes. O que era a exceção, como nos casos de Salvador, Paraíba (hoje João Pessoa) e São Luís do Maranhão, tornou-se depois uma prática mais comum.

Essas tendências se tomaram cada vez mais claras após a Restauração de Pernambuco, isto é, a expulsão dos holandeses do Nordeste.

Paradoxalmente, os padrões conhecidos como filipinos entraram em uso mais amplo, nas vilas de algumas capitânicas, não durante o domínio filipino, mas com mais frequência após a separação das Coroas. É o que mostram as plantas de Taubaté,³² fundada em 1645, e de Itu,³³ fundada em 1657, como a parte central da vila de Jacareí,³⁴ fundada em 1655. Essa regularidade podia ser observada pelo menos na praça central da vila de Ubatuba,³⁵ fundada em 1637.

No final do século 17 os principais portos, como Salvador e Rio de Janeiro, já apresentavam significativo crescimento e sua arquitetura havia sido refeita, com caráter monumental. É o que mostram os desenhos da época, com as igrejas com duas torres e fachadas de grande porte (cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 35 e 162, fig. 18 e 171).

Urbanização e o urbanismo em uma colônia de mineração e seus desdobramentos (1700-1822)

As grandes mudanças ocorridas na primeira metade do século 18 decorreram da expansão das áreas de mineração. O Brasil deixava de ser uma colônia voltada para a produção agrária, uma grande retaguarda rural para os mercados urbanos europeus, passando a ser também colônia de mineração. A nova atividade econômica promoveu a ocupação dos territórios do interior, muito além da linha de Tordesilhas. E promoveu a criação de um grande número de vilas, nas regiões mais distantes do litoral.

As regiões de mineração tinham índices elevados de urbanização e tinham vida urbana intensa. Esse mercado interno dinamizava diversas outras regiões, impulsionando também a vida urbana junto aos principais portos, como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Belém.

As imagens revelam a importância não apenas das vilas das regiões do atual Estado de Minas Gerais, como também Goiás e Mato Grosso, como a "Prespectiva da Villa boa de Goyas mandado tirar pelo ilustríssimo e excellentíssimo senhor Don João Manoel de Menezes",³⁶ desenhada em 1803;



Ilustração: Duché de Farney (detalhe de Florianópolis – Nossa Senhora do Desterro – 1785 – “Vista da Ilha de Santa Catarina”).

³²“Villa de Taubathé he mais rectangular”, de Arnaud Julien Pallière, 1821. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 206, fig. 222).

³³“Fig. a, por estimação da V.a de Itú”, de José Custódio de Sá e Faria, 1774. Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 206, fig. 221).

³⁴“Va. de Jacarahy”, Arnaud Julien Pallière, 1821. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (Ibidem, p. 207, fig. 223).

³⁵“Villa de Vbatuba”, de João da Costa Ferreira, cerca de 1815. Sociedade de Geografia de Lisboa (Ibidem, p. 202, fig. 213).

³⁶Original manuscrito de Joaquim Cardoso Xavier. Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo (Ibidem, p. 236, fig. 257).

os prospectos da Vila Boa,³⁷ desenhados em 1751, o "Prospecto da Villa do Bom Jesus de Cuiabá..."³⁸ e duas outras, sem título, também relativas a Cuiabá (cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 257-258, fig. 279 e 280). Como mostram também as vistas de Ouro Preto,³⁹ Mariana⁴⁰ e Paracatu.⁴¹ Algumas focalizavam os pequenos arraiais de mineração, como os de Sumidouro⁴² e São Caetano⁴³ ou, em Mato Grosso, os quatro pequeninos arraiais de Santana, Pilar, São Francisco Xavier da Chapada e São Vicente,⁴⁴ com suas irregularidades.

Passada a desorganização dos primeiros anos de mineração, foi sendo implantado, com maior eficiência, um sistema de controle da urbanização e do urbanismo. Ampliou-se significativamente o número de engenheiros militares, que realizavam levantamentos das condições existentes nas cidades e vilas do litoral, planejavam melhor seu sistema de defesa e sistematizavam as vilas do interior. Os cuidados podem ser observados, por exemplo, nos projetos realizados pelo engenheiro João Massé para Santos,⁴⁵ Rio de Janeiro⁴⁶ e Salvador,⁴⁷

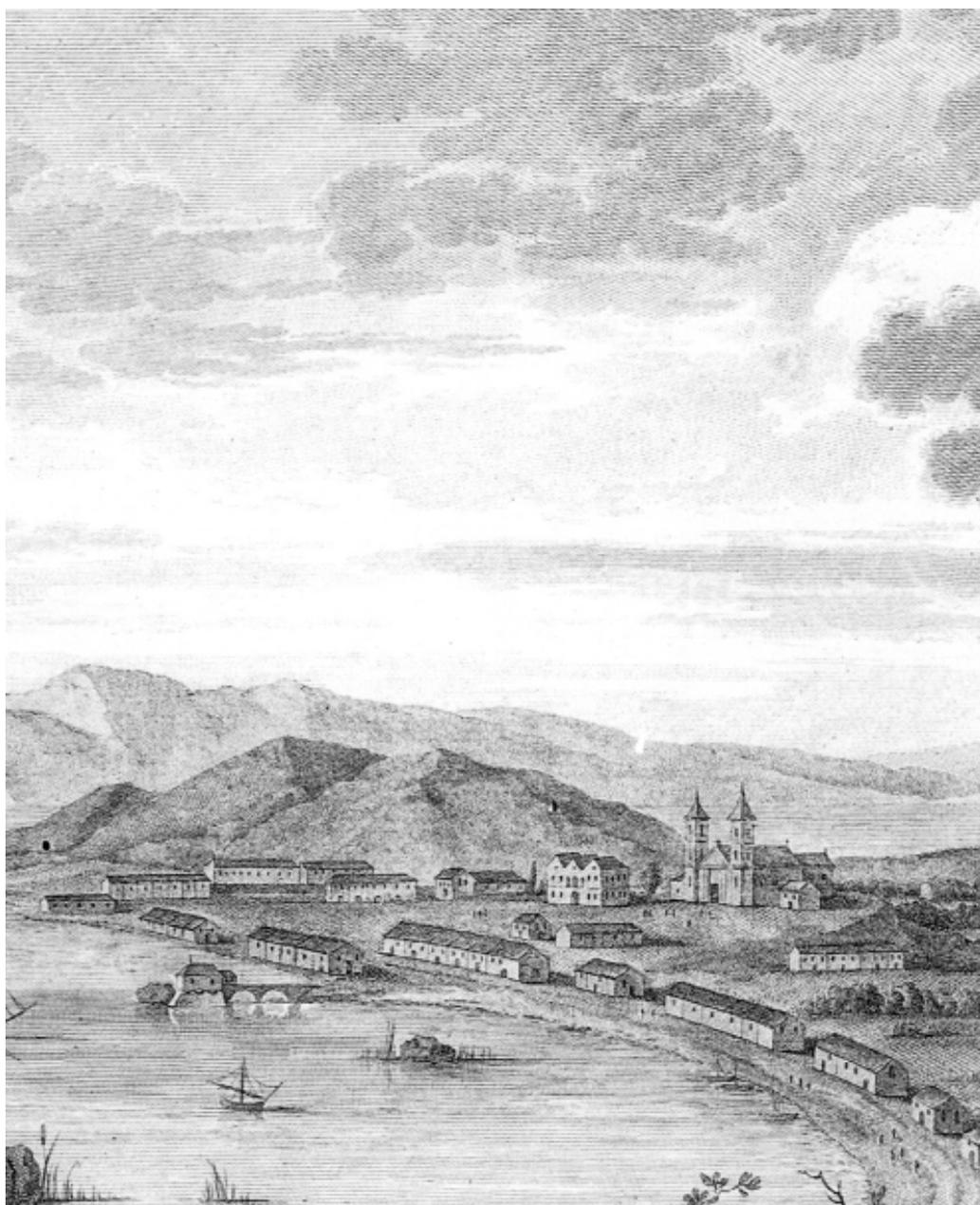


Ilustração: Duché de Farney (detalhe de Florianópolis – Nossa Senhora do Desterro – 1785 – “Vista da Ilha de Santa Catarina”).

³⁷ Prospectos de Villa Boa tomada da parte do sul, da parte do norte e do esnoroeste - três originais manuscritos de autor desconhecido. Casa da Ínsua, Castendo, Portugal (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 235 e 239, fig. 256, 258 e 259).

³⁸ De autor desconhecido, cerca de 1790. Museu Botânico Bocage, Lisboa (Ibidem, p. 254, fig. 278).

³⁹ Original manuscrito sem título [Praça Tiradentes], de autor desconhecido, cerca de 1785-1790. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (Ibidem, p. 216, fig. 235).

⁴⁰ "Mapa da cidade de Mariana", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1796-1801. Ministério das Relações Exteriores, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 217, fig. 237).

⁴¹ "Prospecto de Paracatu", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1772-1790. Casa da Ínsua, Castendo, Portugal (Ibidem, p. 218, fig. 238).

⁴² "Sumidouro/nas Gereaz, e Matto/dentro", original manuscrito de autor desconhecido, 1732. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 213, fig. 231).

⁴³ "S. Caetano/nas Gereaz, e Matto/dentro", original manuscrito de autor desconhecido, [1732]. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 214, fig. 232).

⁴⁴ "Arraial de S.ta Anna/Arraial do Pilar/Arraial de S. Fran.co Xavier da Chapada/Arraial de S. Vicente", original manuscrito de autor desconhecido, [1770-1780]. Casa da Ínsua, Castendo, Portugal (Ibidem, p. 262, fig. 287).

⁴⁵ "Planta da Villa de Santos e de seu Porto, com suas fortificaçoens dessinadas de novo", original manuscrito, cerca de 1714. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 197, fig. 206).

⁴⁶ "Planta de cidade de Saõ Sebastião do Rio de Janeiro, com suas fortificaçoens", original manuscrito, cerca de 1714. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 165, fig. 173).

⁴⁷ "Planta da cidade de S. Salvador na Bahia de Todos os Santos na America Meridional aos 13º de latitude, e 345º 36' de longitude", cerca de 1715. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 31, fig. 16).

48 "St. Salvador/Ville capitale du Bresil", de autor desconhecido, cerca de 1695 (1698), e "S.t Sebastien/Ville Apiscopale du Bresil", de autor desconhecido, cerca de 1695. In: Froger, François. Relation d'un voyage fait em 1695, 1696 & 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil Cayenne & Isles Antilles...". 1698. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 35 e 162, fig. 18 e 171).

49 "Vue de la Ville de St. Salvador du coté de la Baye/Plan de la Ville de St. Salvador/Capitale du Bresil", de Frézier, cerca de 1714. In: Frézier, Amédée François. Relation du voyage de la mer du sud aux côtes du Chily... 1716. Acervo de João Moreira Garcez (Ibidem, p. 30, fig. 15).

50 "Prospeto da Cidade da Bahia de todos os Santos na America Meridional aos 13 graos de latitude, e 345 graos e 36 minutos de longitude", de João Francisco de Suoza e Almeida, 1782. Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, Lisboa (Ibidem, p. 40, fig. 23).

51 "Elevasam e Fasadã, que mostra emprospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos...", de Carlos Julião, 1779. Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, Lisboa (Ibidem, p. 39, fig. 22).

52 "Prospeto da Villa do Recife vista pello lado fronteiro a Cidade de Olinda huma das praças mais fortes..." original manuscrito do padre José Caetano, cerca de 1759. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 100, fig. 96).

53 "Carta topographica da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro...", original manuscrito de André Vaz Figueira, 1750. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 169, fig. 180).

54 Original manuscrito que mostra a parte do norte da cidade, 1750. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 170, fig. 181).

55 Original manuscrito sem título [Rio de Janeiro], cerca de 1772 (Ibidem, p. 178, fig. 188).

56 "Prospeto da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro situada no Estado do Brasil na America Meridional...", original manuscrito, 1775. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 182, fig. 192).

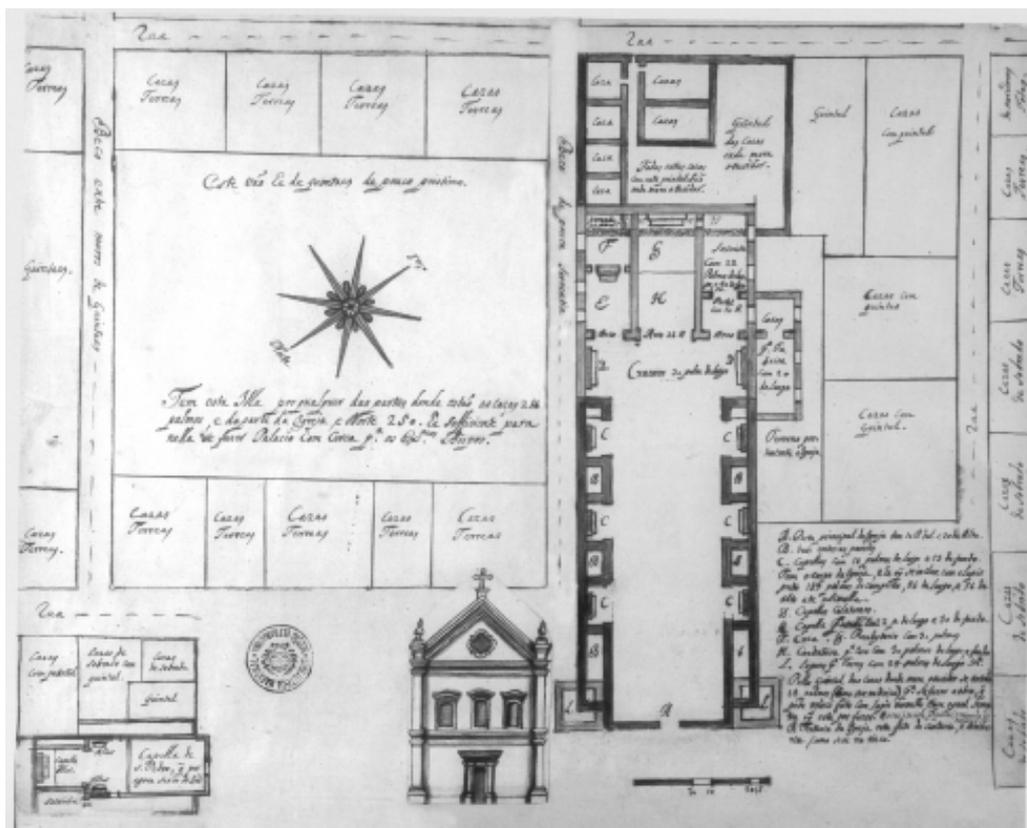


Ilustração: Cidade de São Paulo-ca. 1746 (planta de uma parte da cidade inclusa no projeto de reforma da Igreja da Sé).

todos traçados entre 1713 e 1717. Da mesma época conhecemos algumas estampas de livros, que mostram a aparência de Salvador e Rio de Janeiro. O mais antigo é o livro de Froger, de cerca de 1695, com vistas do Rio de Janeiro e de Salvador.⁴⁸ De 1714 temos o livro de Frezier, que inclui uma planta e um perfil de Salvador.⁴⁹ Nessa época, as ladeiras e a Cidade Baixa já estavam sendo ocupadas com maior intensidade, com a expansão do comércio.

Os novos padrões urbanísticos ganharam impulso especial na segunda metade do século 18, a partir da administração do Marquês de Pombal, que se estendeu de 1750 a 1777. Nessa época, estavam sendo negociados os tratados de limites entre as colônias portuguesas e espanholas na América do Sul, que exigiram a vinda para o Brasil de numerosas equipes de engenheiros militares e cartógrafos, que tiveram uma atuação importante no levantamento do sistema urbano da Colônia, na elaboração de planos de novas vilas e no aperfeiçoamento das vilas e cidades existentes, além do levantamento para o controle das condições nas cidades e vilas existentes.

Dessa época são provavelmente os melhores desenhos. Podemos acompanhar o crescimento de Salvador,⁵⁰ conhecer os detalhes de suas fortificações e até mesmo os costumes de seus habitantes.⁵¹ Podemos conhecer a aparência de Recife.⁵² Ver, por exemplo, a ponte de Maurício de Nassau, com suas edificações junto às bordas e os arcos construídos para marcar os acessos das duas extremidades. Podemos conhecer os detalhes da planta do Rio de Janeiro,⁵³ como a aparência da cidade em 1760 e detalhes de todos os seus edifícios próximos do mar, pela "Prospectiva da cidade do Rio de Janeiro", por Miguel Angelo Blasco,⁵⁴ e pelo desenho de 1772,⁵⁵ pertencente ao arquivo da família do antigo governador do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres. Ou ver a mesma cidade em 1775, no prospecto⁵⁶ que acompanhava o livro *Cartas soteropolitanas e brasílicas*, de Vilhena, concluído em 1803. Ou ainda a cidade de Belém, na "Prospectiva da Cidade de S.t Maria de Belem do Grão Para", elaborada em cerca de 1800, que existe no Serviço Geográfico do Exército, do Rio de Janeiro

(cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 272, fig. 300). Ou o plano elaborado por Gaspar João Geraldo de Gronsfeld.⁵⁷

Podemos também conhecer a aparência de cidades e vilas menores, nessa época, como Vitória, desenhada em 1767 pelo engenheiro militar José Antônio Caldas, nascido em Salvador e formado pela Aula Militar da Bahia.⁵⁸ Ou a cidade de São Paulo, por volta de 1770, revelada

em um desenho que mostra o lado do Anhangabaú, ou a Praça da Sé e as quadras vizinhas⁵⁹ e o Largo de São Bento⁶⁰ com sua igreja e ruas mais próximas, ou Santos, na mesma época, mostrada em mais de um desenho⁶¹ e mesmo a pequenina São Vicente.⁶² E Oeiras⁶³ no Piauí e São João da Parnaíba⁶⁴ no mesmo Estado. E aldeias pequenas como São Fidélis,⁶⁵

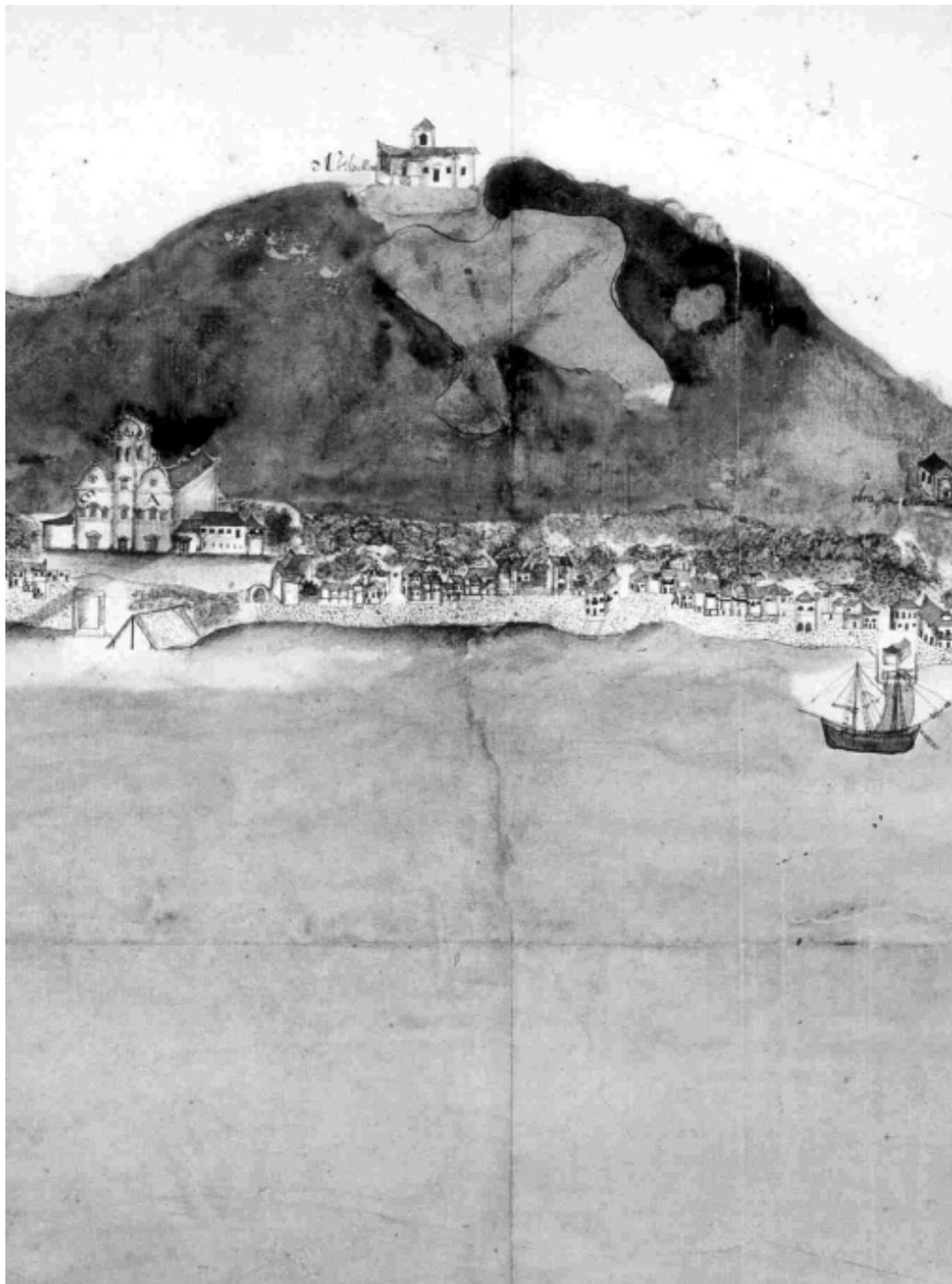


Ilustração: Detalhe de Santos – ca. 1765/1775 - “Villa e Praça de Santos”.

⁵⁷ “Projeto o qual mostra, como se podia fortificar somente a cidade, e não incluído a Campina...”, original manuscrito, 1773. Arquivo Histórico Ultramarino (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 271, fig. 299).

⁵⁸ “Prospecto da Vila da Vitoria capital da Capitania do Espirito Santo, e distante da foz do rio do mesmo nome...”, original manuscrito. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 148, fig. 153).

⁵⁹ Original manuscrito sem título [Planta de uma parte da cidade de São Paulo, inclusa no projeto de reforma da igreja da Sé], de autor desconhecido, cerca de 1746. Arquivo Histórico Ultramarino (Ibidem, p. 192, fig. 201).

⁶⁰ Original manuscrito sem título [Largo de São Bento e partes das ruas da Alegria (hoje Florêncio de Abreu) e da Boa Vista], de autor desconhecido, cerca de 1787. Arquivo Distrital de Braga, Portugal (Ibidem, p. 192, fig. 202).

⁶¹ “Villa e Praça de Stos.”, “Praça de Santos” e “Va de S. Vicente”, originais manuscritos de autores desconhecidos, cerca de 1765-1775. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 194, 198-199, fig. 205, 207 e 209).

⁶² “Va de S. Vicente”, original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1765-1775. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 199, fig. 208).

⁶³ “Oeyras do Piauí”, original manuscrito de autor desconhecido, século 18. Biblioteca Nacional, Lisboa (Ibidem, p. 139, fig. 144).

⁶⁴ “Cópia da Villa de S. João da Parnaíba que mandou tirar o Il. mo S. or Carlos César Burlamaqui...”, original manuscrito de Joze Pedro Cezar de Menezes, 1809. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro; “Mapa exacto da Villa d’ S. João da Parnaíba”, original manuscrito de autor desconhecido, 1798. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 137-138, fig. 142 e 143).

⁶⁵ “Mappa da Aldéa de S. Fidelis, que por ordem do Ill. mo e Ex. mo Sr. Luis de Vasconcellos de Sousa...”, de autor desconhecido. 1782. Ministério das Relações Exteriores, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 185, fig. 193).

⁶⁶ "Perspectiva da Povoação de Linhares", original manuscrito de autor desconhecido, 1819. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 151, fig. 159).

⁶⁷ "Villa de Santarem da Comm.ca de Ilheos", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1794. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 62, fig. 45).

⁶⁸ "Villa de Abrantes da Comarca do Norte", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1794. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 63, fig. 46).

⁶⁹ "Perspecto da Villa da Fortaleza de N. Snr.^a d'Assumpção ou Porto do Seará", original manuscrito de Francisco Antônio Marques Giraldes, 1811. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 134, fig. 141).

⁷⁰ Original manuscrito sem título [Paranaguá], de autor desconhecido, cerca de 1653. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 134, fig. 141).

⁷¹ "Fachada dos Coarteis q. ha p.^a ha p.^a a Barra/Parte da Caça do Comand...". original manuscrito de José da Silva Paes, cerca de 1747. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa; "Prospecto da Fortaleza de S. Cruz da Ilha Anhatomiri que serve de Registo vista de leste", original manuscrito de José Custódio de Sá e Faria, cerca de 1760. Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo (Ibidem, p. 228-229, fig. 248 e 250).

⁷² "Prospecto da Villa de Barcellos, antigamente Aldêa de Mariuá, creada Capital da Capitania de S. Joseph do Rio Negro...". original manuscrito de José Codina ou Joaquim José freire, 1784. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 302, fig. 327).

⁷³ "Planta e perfil e prospecto do Forte de S. Joaquim do Rio Branco...". original manuscrito de José Simões de Carvalho. Ministério das Relações Exteriores, Mapoteca do Itamarati, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 287, fig. 314).

⁷⁴ "Planta da nova Povoação de Cazal Vasco...". original manuscrito de autor desconhecido, 1782. Casa da Insua, Castendo, Portugal (Ibidem, p. 263, fig. 288).

⁷⁵ "Prospecto da Povoação de Cazal Vasco, situada no rio dos Barbados, & legoas ao sul de Villa Bella", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1790. Museu Botânico Bocage, Lisboa (Ibidem, p. 264, fig. 290).

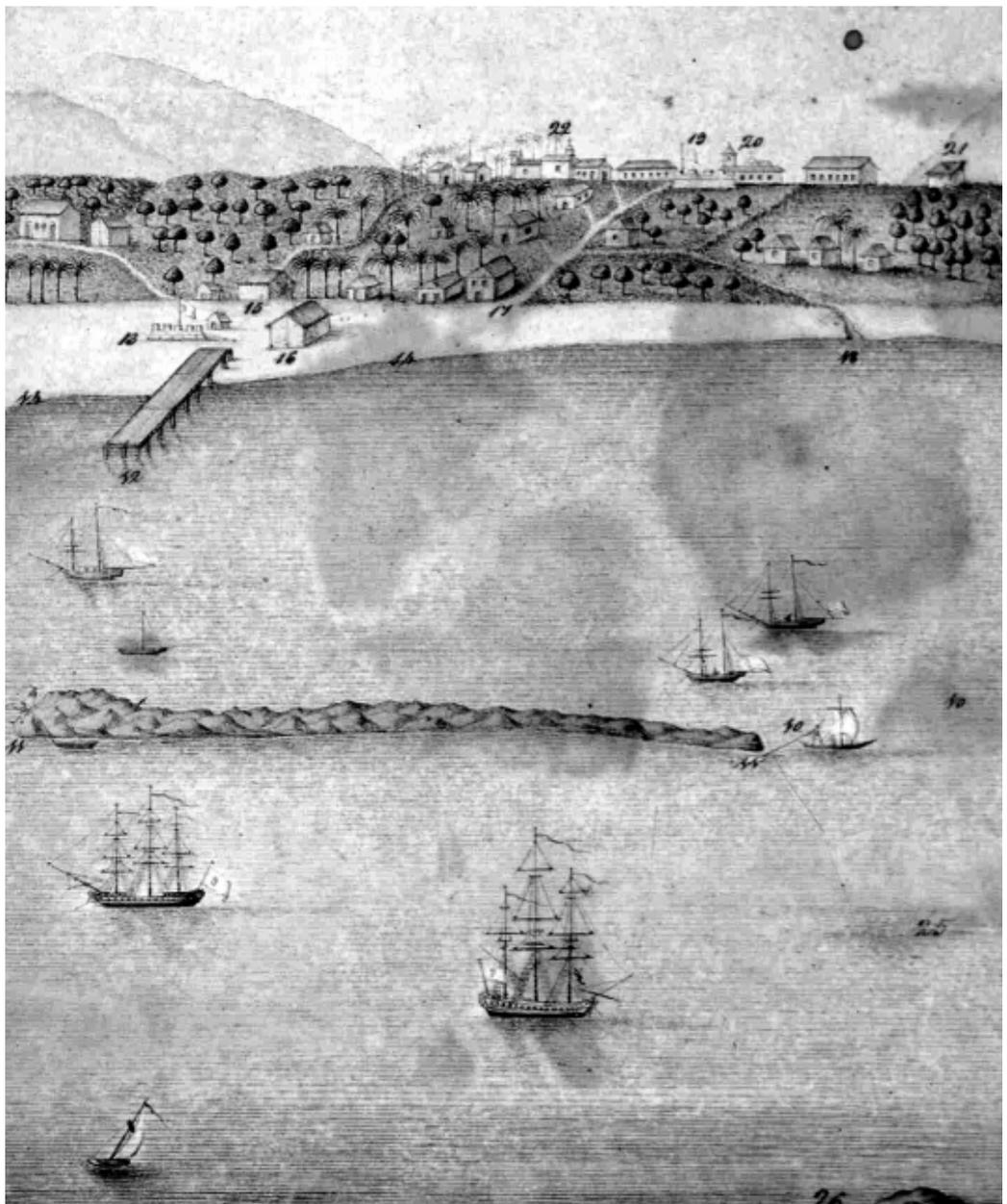


Ilustração: Francisco Antônio Marques Giraldes - Detalhe de Fortaleza - 1811 - "Perspecto da Villa da Fortaleza de N. Snr.^a d'Assumpção ou Porto do Seará".

Linhares no Espírito Santo,⁶⁶ Santarém na região de Ilhéus⁶⁷ e a Vila de Abrantes, próxima de Salvador.⁶⁸ E Fortaleza,⁶⁹ Paranaguá⁷⁰ e as fortalezas de Santa Catarina, como a da ilha de Anhatomirim.⁷¹ E a antiga Vila de São Pedro do Rio Grande, hoje cidade do Rio Grande, primeiro estabelecimento português no Rio Grande do Sul. E a vila de Barcellos,⁷² antiga capital de Amazonas, e o Pequeno Forte de São Joaquim do Rio Branco,⁷³ em 1787, ponto extremo de colonização portuguesa, na região do atual Estado de Roraima.

Na segunda metade do século 18, os engenheiros militares estabeleceram

padrões urbanísticos bem mais detalhados, mesmo nos projetos de criação de vilas, nas regiões mais afastadas. A planta da povoação de Casalvasco,⁷⁴ ao norte de Cuiabá, mostra um traçado geometricamente regular, elaborado com extremo cuidado, inclusive com um sistema de arborização nas ruas e praças, certamente um dos exemplos mais antigos desse gênero, no Brasil. As vistas⁷⁵ que conhecemos dessa localidade não confirmam a existência da vegetação projetada. Mas um desenho que mostra a aldeia de São José

de Mossâmedes,⁷⁶ em Goiás, de 1782, mostra também a existência de projeto de arborização, na praça central. Não era um acaso; era um novo padrão de urbanismo que ia sendo estabelecido, não só para sistematização dos espaços destinados às camadas mais ricas, como também para o alojamento dos mais humildes, como os índios aculturados.

Esses padrões podem ser reconhecidos também em projetos para um conjunto de vilas no sul da Bahia, elaborados entre 1760 e 1774 (cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 59, 60-61, fig. 40, 42, 43 e 44). Se observarmos com atenção o mapa da nova vila de Portalegre,⁷⁷ de 1772, vamos constatar que o projeto incluía a adoção de determinados padrões de fachadas para as casas comuns. Esses mesmos padrões são observáveis nos projetos para a Vila Maria de São Luís do Paraguai⁷⁸ e na povoação de Alcobaça,⁷⁹ no Pará.

Não se tratava de diretrizes isoladas. O urbanismo dessa época começava a dar importância para os chamados conjuntos urbanos, como vinha sendo feito na Europa, na mesma época. Esses conjuntos decorriam de projetos urbanísticos mais complexos, que disciplinavam a aparência das casas comuns, além dos edifícios mais destacados. Um dos exemplos mais importantes pode ser observado na Cidade Baixa em Salvador, em um desenho de Manoel Rodrigues Teixeira, de 1786.⁸⁰ Ali aparecem várias quadras com edifícios praticamente idênticos, no lado esquerdo da imagem, revelando uma disciplina urbanística que se perderia na memória dos brasileiros, a partir de meados do século 19. Mas esse conjunto não era único; havia outros em Salvador, como podemos ver nos detalhes do "Prospecto da cidade da Bahia

de todos os Santos" de João Francisco de Souza e Almeida, de 1782 (cf. Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 40, fig. 23). Esses desenhos são importantes porque tomaram por base um levantamento realizado por José Antônio Caldas em 1756, no início da sua carreira como engenheiro militar, sob orientação de Manoel Cardoso de Saldanha, professor da Aula de Arquitetura Militar da Bahia, em que se formara José Antônio Caldas. Esse desenho foi publicado em 1758, mas elaborado entre 1755 e 1756, exatamente no momento em que Lisboa era destruída por um grande terremoto, que deu motivo à construção do grande conjunto urbano da chamada Baixa Pombalina. Vê-se portanto que já existiam conjuntos urbanos desse porte em Salvador, antes mesmo da construção da Baixa Pombalina em Lisboa, que se tornara padrão para o mundo luso-brasileiro.

Essas são apenas algumas das observações que podemos realizar, a partir desse conjunto de imagens do Brasil Colonial, que demonstram com clareza que, pelo menos em fins do século 18, havia padrões de projetos urbanísticos no Brasil, melhores do que os implantados hoje em muitas cidades brasileiras. E demonstra que, de fato, existiram projetos urbanísticos no Brasil Colonial e que até mesmo os escravos fugidos, em alguns casos, sabiam traçar seus acampamentos com rigor urbanístico, como mostra um desenho de 1764,⁸¹ do chamado quilombo O Buraco do Tatu, na região do Rio Vermelho, hoje um bairro de Salvador.

Não podemos dizer que as mesmas diretrizes estejam sendo aplicadas no presente às cidades de todo o Brasil. O estudo desses exemplos do passado pode nos ajudar a repensar o presente.

Referências bibliográficas

REIS, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Fundação para a Pesquisa Ambiental, 2000. il., color.; 40x60cm. Contém 36 pranchas em papel couché, sendo 34 de imagens.

_____. *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Sonopress, [2000]. 1 disco compacto: digital, estéreo. 010300; 5012/00. 89,1 MB. Contém figuras e texto (formato Word) + clipe de filme (04:08min).

REIS, Nestor Goulart; BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira; BRUNA, Paulo Júlio Valentino. *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. 411 p. (Uspiana Brasil 500 anos).

⁷⁶ "Plano projectico de hum novo estabelecimento de indios da Nação Cayapó situado na margem do R^o Fartura,..." , original manuscrito de autor desconhecido, 1782. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Reis, Bueno, Bruna, 2000, p. 242, fig. 264).

⁷⁷ Original manuscrito sem título [Mapa da nova Villa de Portalegre], de José Xavier Machado Monteiro, cerca de 1772. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 61, fig. 43).

⁷⁸ "Prospecto de Villa Maria de S. Luis do Paraguay, situada em huã barreira de perto de 40 palmos de alto, em hum excellente taboleiro de terra", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1790. Museu Botânico Bocage, Lisboa (Ibidem, p. 265, fig. 291).

⁷⁹ "Planta da Fortaleza Na. Sa Nazareth/Povoação de Alcobaça que se há de erigir no Rio Tocantins por ordem...", original manuscrito de autor desconhecido, cerca de 1780. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (Ibidem, p. 281, fig. 308).

⁸⁰ "Prospecto visto pela frente de hua porção da Cidade da Bahia/ no qual se mostram os edificios comprehendidos na pt.e superior, e inferior da mesma Cid.e;...", Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 49, fig. 30).

⁸¹ Original manuscrito de autor desconhecido. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (Ibidem, p. 54, fig. 35).

Nestor Goulart Reis Filho, arquiteto e sociólogo pela Universidade de São Paulo (USP), é professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo dessa Universidade.

Abstract

*The plans and views of urban centers gathered in the book *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial (Images of Villages and Cities of the Colonial Brazil)* are, at the same time, masterpieces and precious documents for the knowledge of the Geography and the History of the country. The article shows the importance of these drawings, as work instruments for geography and history teachers, and other subjects. The publication of the book comes with the edition of a CD-ROM and a collection of posters, intended to give support to the work of researchers and teachers of all regions of Brazil.*

Keywords: History of Brazil; urbanism; historical cartography; Colonial Brazil.
